

Linguagem & Ensino, Vol. 5, No. 2, 2002 (67-90)

Palavra ponte entre mim e os outros
Um estudo do conceito de *interação* em
trabalhos científicos¹

(The word as a bridge between me and the others: A study
on the concept of interaction in scientific papers)

Cleudemar Alves Fernandes
Universidade Federal de Uberlândia

ABSTRACT: This study investigates the use of the concept interaction in articles published in the Language Course journal Letras & Letras from Universidade Federal de Uberlândia. We are concerned with this issue due to a great number of researchers who have been involved in linguistic studies that deal with the term “interaction” or take it as a subsidiary concept for analyses or language study proposals. Seven volumes of the journal were selected and those articles which fit our proposal were detached. The acceptation in which interaction is used in these studies is analyzed. Among the consulted concepts of interaction we take Bakhtin’s theory about verbal interaction (1980, 1992) as the base of our study. This author

¹ O presente estudo foi realizado como requisito parcial para obtenção de créditos no curso “*Questões de Teoria e Análise do Discurso: Cenografia Discursiva e Produção de Sentido*”, ministrado pelas professoras Dr^a Maria Cecília Pérez de Souza e Silva e Dr^a Elisabeth Brait, no Programa de Pós-Graduação em Lingüística da USP, durante o primeiro semestre de 1997.

CONCEITO DE INTERAÇÃO

presents important considerations concerning the social fact which is inherent to interaction with an emphasis on the constitution of the discursive subject.

RESUMO: Este estudo objetiva investigar o emprego do conceito de Interação em artigos publicados na revista do curso de Letras da Universidade Federal de Uberlândia, intitulada Letras & Letras. Nosso interesse surgiu devido ao grande número de pesquisadores voltados para estudos lingüísticos que versam sobre o conceito de interação, ou tomam tal conceito como subsídio para análises ou propostas de trabalhos com a linguagem. Seleccionamos para análise sete números da revista supracitada, dos quais destacamos os artigos que se enquadram na proposta apresentada. Analisaremos a acepção com que interação aparece nos estudos destacados. Dentre os conceitos de interação consultados, tomamos, como respaldo para este estudo, os formulados teóricos de Bakhtin (1980 1992) acerca da interação Verbal. Esse autor, além de discorrer sobre interação verbal, apresenta considerações importantes acerca do fato social inerente à interação, destacando ainda a constituição do sujeito discursivo.

KEYWORDS: linguistics; interaction; dialogism

PALAVRAS-CHAVE: lingüística; interação; acepção conceitual

INTRODUÇÃO

Propomos, neste estudo, realizar uma investigação do emprego do conceito (ou de conceitos) do termo Intera-

CLEUDEMAR ALVES FERNANDES

ção em artigos da área de Linguística publicados na revista do curso de Letras da Universidade Federal de Uberlândia, intitulada *Letras & Letras*. Nosso interesse surgiu ao verificarmos o grande número de pesquisadores voltados para os estudos lingüísticos que versam sobre conceito (ou conceitos) de interação, ou tomam tal conceito como subsídio para análises ou propostas de trabalhos com a linguagem. Nesse sentido, alguns dos artigos encontrados na revista supracitada apresentam-se como uma amostragem de estudos lingüísticos “de cunho interacional”.

Dentre os conceitos de interação por nós consultados, tomamos, como respaldo para este estudo, os formulados teóricos de Bakhtin (1990 e 1992) acerca da *Interação Verbal*. Esse autor além de discorrer sobre interação verbal, o que interessa particularmente a um estudo sobre linguagem, apresenta considerações importantes referentes ao fato social inerente à interação, destacando ainda a constituição do discurso do sujeito, bem como do sujeito discursivo, a partir da interação social.

O autor em destaque apresenta-se aos nossos olhos como o mais abrangente ao teorizar o termo em questão e tem servido como fonte original para o embasamento teórico de uma das correntes francesas da Análise do Discurso aquela que se opõe a uma concepção de discurso centrada na subjetividade de um sujeito.

Foram selecionados para análise os sete últimos números da revista *Letras & Letras* publicados até a data da realização deste estudo. Na constituição do *corpus* para análise, foram abarcadas as publicações ocorridas durante o período de janeiro de 1994 a julho de 1997, das quais destacamos especificamente os artigos que se enquadram na proposta anteriormente apresentada, conforme pode ser observado no quadro 01.

CONCEITO DE INTERAÇÃO

<i>Letras & Letras</i> - V. 13 - Nº 1 - jan. - jul. - 1997
Neste volume, não houve publicações de artigo que versam sobre interação, ou mesmo utilizando teorias de Bakhtin.
<i>Letras & Letras</i> - V. 12 - Nº 2 - jul. - dez. - 1996
1. CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. <i>O Espetáculo da Língua Oral</i> . pp. 113-131. 2. VIEIRA Ronaldo Lima. <i>A Tensão do Discurso Oral Versus o Mito da Asseveração do Discurso Escrito</i> . pp. 133-136. 3. AZAMBUJA, Jorcelina Queiroz. <i>Leitura: um Caminho pa a Produção Textual</i> . pp. 243-253.
<i>Letras & Letras</i> - V. 12 - Nº 1 - jan. - jul. - 1996
1. BAGHIN, Débora Cristina Mentelli. <i>A Motivação para Aprender Língua Estrangeira (Inglês) na Interação em Sala de Aula</i> . pp. 37 - 75. 2. COSTA, Luiz Carlos. <i>Drummond e o Dicionário</i> . pp. 127-138.
<i>Letras & Letras</i> - V. 11 - Nº 2 - jul. - dez. - 1995
Este é um volume monotemático - <i>Modernismo e Modernidade na Literatura</i> -, em decorrência da delimitação temática, não foram incluídos trabalhos lingüísticos.
<i>Letras & Letras</i> - V. 11 - Nº 1 - jan. - jul. - 1995
1. SOUZA E SILVA, Maria Cecília Perez. <i>A interrupção</i> . pp. 205-213. 2. RISSO, Mercedes Sanfelice. <i>A Dimensão Interacional na Construção do Texto Falado: os Marcadores</i> . pp. 215-225. 3. HILGERT, José Gaston. <i>A Paráfrase em Situações de Interação Explícita</i> . pp. 233- 245.
<i>Letras & Letras</i> - V. 10 - Nº 1 e 2 - jan. - dez. - 1994
1. BOLOGNINI, Comiam Zink. <i>A Interação, o Nazismo e seus Mitos</i> . pp. 59-70

Quadro 01 Levantamento do termo interação

CLEUDEMAR ALVES FERNANDES

Reunimos, assim, nove artigos que representam um significativo conjunto de estudos lingüísticos de autores de diferentes Universidades do Brasil, nos quais analisaremos especificamente, a acepção com que o termo interação é empregado. A partir da leitura e análise dos estudos acima relacionados, confrontaremos a acepção conceitual de interação, neles encontrados, com a formulação teórica de Bakhtin (1992), ou procuraremos observar a abrangência dada pelo articulista ao discorrer sobre interação, caso a bibliografia seja a mesma de nosso embasamento teórico.

O CONCEITO DE *INTERAÇÃO* EM BAKHTIN

Em 1925, Bakhtin empregou a expressão *interação face a face* ao desenvolver estudos críticos sobre Freud e sobre o uso da linguagem em sessões de psicanálise. Considerando os trabalhos de Freud como uma tentativa de levar os pacientes a uma manifestação do interior por meio da expressão verbal, Bakhtin (1980) estendeu críticas aos trabalhos desse psicanalista afirmando que o discurso interior encontra-se em oposição ao exterior e a sessão de psicanálise é um gênero de discurso, é uma conversação por meio da interação face a face. Nessa perspectiva, esse estudioso afirma que o paciente e o analista encontram-se envoltos por um mini-universo social. Observou, ainda, que “*o enunciado é o produto de uma interação entre locutores e, mais amplamente, o produto de toda conjuntura social complexa na qual ele nasceu*”² (Bakhtin 1980, p.

² C.f. tradução nossa do francês: “*est LE PRODUIT D’UNE INTERACTION ENTRE LOCUTEURS et, plus largement, le produit de toute la CONJONCTURE SOCIALE complexe dans laquelle el est né*”.

CONCEITO DE INTERAÇÃO

174).

Em Bakhtin (1980), encontramos as primeiras oposições entre discurso interior e discurso exterior, bem como os prenúncios de posteriores formulações teóricas sobre a constituição do sujeito pela interação verbal social e sobre interdiscursividade. Na verdade, esse estudo pode ser considerado como a origem das teorias acerca do *sujeito discursivo* em algumas acepções da Análise do Discurso. A título de exemplificação, podemos nos remeter a Authier-Revuz (1982) que, baseando-se em Bakhtin e em releituras de Freud feitas por Lacan, ao discorrer sobre heterogeneidade discursiva, afirma que há uma ruptura do eu fundamentado na subjetividade como um interior face à exterioridade do mundo. Na verdade, para essa autora, a exterioridade é levada para o interior do sujeito de maneira que a constituição do sujeito discursivo pode ser definida pela junção do exterior com o interior.

No estudo em destaque, encontramos o esboço da teoria da *Interação Verbal* posteriormente desenvolvida em Bakhtin (1992), momento em que o autor apresenta de maneira mais profunda e complexa, considerando aspectos originários especificamente do social, a teoria da *interação verbal*. Nessa segunda obra, Bakhtin inicia retomando afirmações apresentadas no estudo anteriormente citado: *qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições da enunciação em questão, isto é, antes de tudo pela situação social mais imediata* (p. 112) e, de forma mais incisiva, assegura que “a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados” (p. 112). Se não houver um interlocutor real, este pode ser substituído por um representante do grupo social ao qual pertence o locutor. Prossegue suas reflexões afirmando que a organi-

CLEUDEMAR ALVES FERNANDES

zação do mundo interior é estabelecida pelas relações exteriores, pelas motivações, pelas deduções e pela reflexão de cada indivíduo em um auditório social próprio e bem estabelecido. O interlocutor, assim como o locutor, situa-se em um espaço-temporal bem definido. E “a *palavra é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige a alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte*” (p. 113).

Desenvolvendo a teoria da interação verbal, Bakhtin (1992), como se estivesse contestando Freud, afirma de maneira incisiva: “*não é do interior, do mais profundo da personalidade que se tira a confiança Individualista em si, a consciência do próprio valor, mas do exterior; trata-se da explicitação ideológica do meu status social, da defesa pela lei e por toda a estrutura da sociedade de um bastião objetivo, a minha posição econômica individual. A personalidade individual é tão socialmente estruturada como a atividade mental do tipo coletivista: a explicitação ideológica de uma situação econômica complexa e estável projeta-se na alma individual. (...) a personalidade que se exprime, apreendida, por assim dizer, do interior, revela-se um produto total da inter-relação social*” (p. 117). O meio social que envolve o indivíduo, no qual este se encontra em constante interação, é o centro organizador de toda enunciação, de toda expressão.

Nessa perspectiva, conceituando *interação* a partir da concepção bakhtiniana, de maneira bastante concisa, podemos afirmar: é o meio de constituição do indivíduo como um sujeito social pleno, o que inclui o “sujeito discursivo”.

CONCEITO DE INTERAÇÃO

O CONCEITO DE *INTERAÇÃO* EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Foram tomados como *corpus* para análise as publicações constantes dos sete últimos volumes da revista do Curso de Letras da Universidade Federal de Uberlândia - *Letras & Letras* - conforme especificação anterior. Nesses volumes, foram encontrados nove artigos que se enquadram em nosso critério para escolha, conforme enumeração no quadro, também apresentado anteriormente.

Procederemos, pois, à análise de cada um dos artigos obedecendo à ordem de apresentação no quadro inicial. Buscaremos ressaltar como se dá o emprego de *interação* tendo em vista os aspectos teóricos conceituais.

No primeiro estudo *O Espetáculo da Língua Oral* Cardoso parte de uma afirmação de Castilho acerca da linguagem oral em estudos do Projeto NURC, a saber: “a *língua oral é o modo pragmático da linguagem*” e a “*escrita é o modo sintático da linguagem*”. A articulista apresenta algumas reflexões sobre esta afirmação considerando que os lingüistas que diferenciam língua e discurso discordariam da mesma, uma vez que o pragmático pertence ao discurso e o discurso pode ser oral ou escrito. Esta colocação contraria também a afirmação de Castilho sobre a língua escrita.

Considerando o contexto funcionalista em que se insere a afirmação de Castilho, as reflexões de Cardoso levam-na à seguinte compreensão: “*essa tão desconhecida língua oral é o modo pragmático da linguagem, porque se apóia em situações de fala*”, assim como “*a linguagem escrita se apóia em situações comunicativas e interacionais*”. Nesse momento, quando a autora refere-se à língua oral como uma desconhecida, remete-nos ao início do

CLEUDEMAR ALVES FERNANDES

Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo (Projeto NURC SP).

Segundo a articulista, “Castilho parece dizer que as *sistematicidades próprias da língua oral são decorrentes das funções da comunicação e da interação orais*”. Feitas essas considerações iniciais, Cardoso propõe ocupar-se da compreensão do fato de a oralidade e a escrita apoiarem-se em situações discursivas, para, posteriormente, mostrar que a constituição dos referentes das formas demonstrativas na língua oral não se dá, preferencialmente, por “demonstrações” e “indicações”.

Isto posto, a autora inicia uma discussão sobre a diferença entre língua e discurso, momento em que a teoria da interação verbal de Bakhtin se faz presente de maneira abrangente.

Nessa perspectiva, a articulista assegura que “*as teorias do discurso que entenderam o discurso como espaço de dispersão de regularidades historicamente constituídas opuseram-se, energicamente, a uma concepção de discurso como lugar do individual e do subjetivo, o lugar da intencionalidade do sujeito (locutor), por oposição ao lugar do social e do objetivo das sistematicidades lingüísticas*”, a autora cita, para sustentar sua tese, formulados teóricos de Bakhtin, já apresentados por nós anteriormente, e discorre sobre a enunciação em uma acepção bakhtiniana: “*a enunciação não é somente determinada pela situação social mais imediata, como também pelo meio social mais amplo*”. Ao expor aspectos sociais inerentes à enunciação, ainda aponta a releitura de Bakhtin no ocidente, com a tradução de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, na formulação das atuais teorias do discurso.

Firmando-se basicamente em Bakhtin (1992), chega-se à contextualização teórica de sua proposta de estudo:

CONCEITO DE INTERAÇÃO

“os demonstrativos na língua” oral e reafirma: “aquilo que estamos chamando de português falado é um conjunto heterogêneo constituído por práticas discursivas orais socialmente diversificadas”.

Nessa acepção teórica, constata que a referência aos elementos do contexto lingüístico ou da situação, por meio dos demonstrativos, não pode ser considerada como pura retomada de conceitos lingüísticos ou indicação de objetos presentes na situação, mas como um procedimento que envolve fatores determinados também “pela orientação dialógica do discurso, ou pelo auditório social”.

Essa constatação resulta de uma apuração de ocorrências do emprego de demonstrativos em inquéritos NURC SP EF 405, D2 343, DID 18. Na análise dessas situações, verificou-se que prevalecem ocorrências de referência a um elemento próprio do contexto lingüístico (anterior ou posterior). Ha um número muito pequeno de ocorrências de dêiticos ostensivos

Além das apurações supracitadas, tendo confirmado também em outros *copora* o predomínio das mesmas ocorrências, a articulista afirma que “a construção dos referentes anafóricos, de natureza pressuposicional, é atravessada pelo duplo dialogismo: 1. o discursivo é produzido no e pelo interdiscurso; 2. o discurso não existe independentemente daquele ao qual é endereçado”.

Nesse artigo, a teoria da interação verbal de Bakhtin (1992) obra relacionada na bibliografia consultada pela articulista é utilizada para sustentar o estudo desenvolvido. Os elementos destacados são analisados em discursos tomados como práticas sociais, constituídos pela interação.

O segundo artigo selecionado *A Tensão do Discurso Oral Versus o Mito da Asseveração do Discurso Escrito* é um texto rápido, no qual Vieira propõe-se a

CLEUDEMAR ALVES FERNANDES

discutir as formas de apresentação do discurso nas modalidades oral e a escrita. Nessa perspectiva, o articulista inicia explicando que entende o discurso “*como processo constitutivo dos sujeitos através da interação verbal e semiótica*”. Para sustentar sua tese, cita Bakhtin (1992), quem, na verdade, forneceu-lhe que: “*a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema lingüístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes*”. Nessa acepção, seguindo a ótica de Vieira, o discurso é constituído também “*de outros domínios que ultrapassam os limites da Lingüística, tais como a Sociologia, a Antropologia, a Psicanálise*”.

As reflexões do articulista são sustentadas basicamente por alguns pressupostos teóricos bakhtinianos. O autor busca em Bakhtin (1992) uma concepção de discurso e contextualiza, a partir daí, o oral e o escrito como diferenciadas formas de apresentação do discurso. São apenas formas diferentes de um mesmo “processo” de constituição.

Ao desenvolver o estudo, são apresentadas diferenças formais entre a modalidade oral e a escrita, destacando as marcas mais comuns de alteridade, como o emprego das aspas e do travessão, na modalidade escrita. Quanto à oralidade, destaca a presença de alguns elementos de linguagem não-verbal na interação face a face, tais como gestos e mímicas; esses elementos são partes integrantes do discurso no momento da enunciação.

Firmando-se em Bakhtin, Vieira afirma que, se o discurso é o lugar de conflito e contradições, “*é na oralidade que isto se manifesta com maior veemência (..) porque na interação oral o mar do interdiscurso se faz presente com toda sua força*”.

No que concerne ao mito da asseveração do discurso

CONCEITO DE INTERAÇÃO

escrito, apresentado no título do artigo, somente no final do texto, já basicamente na última página, é que aparecem algumas considerações. Entretanto, até mesmo em função da brevidade do artigo, esta questão não recebeu um tratamento aprofundado. Quanto à questão da interação, ainda que de forma sucinta, a acepção conceitual de Bakhtin se faz presente fundamentando e dando sustentação aos argumentos utilizados pelo articulista.

No terceiro texto *Leitura: um caminho para a produção textual* Azambuja contesta uma concepção tradicional do ensino de leitura calcada em posturas que coloca essa atividade como um processo passivo, como *mera decodificação de signos lingüísticos*. Em contraposição, a articulista busca na teoria da interação verbal de Bakhtin (1992) elementos para novas propostas para essa atividade, entre os quais podemos destacar: “os *estímulos à relação dialógica entre leitor e texto são fundamentais a fim de que possam ser atingidas a compreensão, a interpretação e a extrapolação das idéias veiculadas pelo texto*”; o que deve levar o aluno a agir como interlocutor por meio da interação entre leitor/texto/autor/contexto.

A proposta da articulista é de que as habilidades lingüísticas, no tocante ao ensino da leitura e da produção textual, aconteçam a partir de situações concretas de interação, o que possibilita a constituição do sujeito discursivo.

Segundo a autora, a busca da interação deve estar sempre presente nas atividades, “*provocando uma ação recíproca entre os sujeitos*”. Nesse momento, o termo interação, apresentado como ação recíproca, não contempla a acepção bakhtiniana, mas em seguida vem a complementação: “*o que interessa a Bakhtin é a enunciação e o contexto em que a linguagem ocorre, pois é isso o que*

CLEUDEMAR ALVES FERNANDES

dá vida à linguagem, provoca a interação e a interlocução entre os indivíduos de uma sociedade e abre caminhos para os indivíduos ‘criarem a si próprios e ao mundo’.”

No processo de leitura, a palavra, tratada como o elemento que reflete a diversidade da experiência social, “*está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação*” (Bakhtin 1992, apud Azambuja).

Nessa perspectiva, a articulista ressalta também a dissociação entre questões apresentadas por livros didáticos e mundo sociocultural do aluno, o que foge de uma relação interativa.

Em continuidade ao estudo, já à guisa de conclusão, Azambuja apresenta várias reflexões propostas por Bakhtin (1992) sobre a palavra, entre as quais podemos destacar: “*a palavra é o território comum entre o locutor e o interlocutor*”; o que se opõe às chamadas questões de compreensão passiva, sugerindo que tais reflexões sejam levadas em consideração para as atividades escolares abordadas no artigo em questão.

Contudo, o emprego do termo interação, nesse estudo, não apresenta preocupações no sentido de conceituá-lo. A ausência de uma reflexão mais profunda no sentido de conceituar interação pode ser justificada por esse aspecto não se apresentar como uma necessidade, tendo em vista o foco de interesses da articulista, isto é, evidenciar a prática de leitura como uma atividade primordial para se chegar à produção de texto na escola.

No artigo seguinte, *A Motivação para Aprender Língua Estrangeira (Inglês) na Interação em Sala de Aula* o quarto em observação neste estudo Baghin defende como ponto central para um bom ensino de língua estrangeira a motivação. Assim se posicionando, a articulista afirma que

CONCEITO DE INTERAÇÃO

afirma que motivação “é o termo mais abrangente para explicar o sucesso ou o fracasso numa tarefa complexa”. O termo *interação*, apresentado no título, é tratado no artigo como um subsídio para o primeiro mencionado.

Nesse texto, a articulista apresenta resultados de um estudo realizado em uma 5ª série de uma escola pública da região de Campinas, SP, em que foi observada a manifestação da motivação dos alunos na interação em sala de aula. Esse estudo surgiu de uma pesquisa realizada em escolas públicas da região supracitada, na qual se analisou “o papel do livro didático nacional de língua estrangeira (*Inglês*) na interação em sala de aula”. Essa pesquisa possibilitou a constatação de aspectos como a inexistência de interações espontâneas entre os sujeitos (alunos) na língua-alvo etc.

A autora não conceituou interação, tratou-a como um segundo plano, mas, ainda que de forma implícita, o significado desse termo se fez presente quando foram definidos os pressupostos teóricos básicos do projeto ao qual esse estudo faz parte, conforme podemos citar: “a consideração do aprendiz como central no processo de ensino-aprendizagem respeitando seus interesses e objetivos no planejamento do curso, e considerando como pessoa única e completa, como indivíduo que tem necessidades intelectuais e emocionais e encontra-se envolvido num contexto sócio cultural específico que precisa ser considerado”.

Conforme apresentado no título do artigo, Baghin desenvolveu as atividades de seu projeto centradas em um quadro interacional. Além de considerar o aluno como um ser social complexo e tratá-lo como tal, o programa de língua estrangeira apresentado pela pesquisadora incluiu conteúdos de Geografia, Ciências etc. a serem trabalhados nas aulas de língua estrangeira e “o tema de cada aula era

CLEUDEMAR ALVES FERNANDES

problematizado na interação constante com alunos”.

O foco de atenção da articulista foi a observação da “*motivação dos alunos na interação com os colegas, comigo (a professora), e com o conteúdo interdisciplinar*”. A articulista define motivação como a combinação de alguns elementos, que nos são enumerados: “*esforço, desejo de alcançar um objetivo e atitudes (...) como o esforço do aprendiz de atingir uma meta, um objetivo, ou seja, a aprendizagem da língua alvo*”. Na análise desenvolvida por Baghin, foram destacados fatores influenciadores da motivação, tais como: fator lingüístico, metodológico, físico-humano, físico-ambiental, sócio-ambiental e externo, como dados que revelam a motivação dos alunos para as aulas.

Mesmo não havendo reflexões teóricas específicas sobre interação, a articulista exemplificou, com seu trabalho, uma situação concreta de interação na qual buscou provocar a motivação nos alunos e explicá-la teoricamente através de uma micro-análise das aulas. Essa micro-análise possibilitou focalizar a manifestação da motivação dos alunos na interação em sala de aula. Quanto à observação específica da interação, foram realizadas análises de duas situações (aulas), gravadas e transcritas, de interação face a face (professora e alunos), nas quais foi destacado o controle do turno pela professora.

Nesse estudo, Bakhtin não é mencionado em nenhum momento, até mesmo porque o tema central não é interação verbal (o que nos interessa particularmente), porém, a experiência relatada ilustra a análise de um quadro interacional concreto, que vai ao encontro da teoria da interação verbal apresentada por Bakhtin (1992).

Em *Drummond e o Dicionário*, Costa não propõe análise interacional, ou na interação, mas apresenta um

CONCEITO DE INTERAÇÃO

tópico intitulado “*A Interação Crônica Dicionário*”, o que nos levou a incluir este artigo no *corpus* para análise. Feita esta observação, procuramos, inicialmente, limitar-nos à apresentação de considerações basicamente referentes a esse tópico.

No entanto, a leitura do artigo nos permite afirmar que nem mesmo nesse tópico houve o desenvolvimento de uma análise acurada envolvendo o aspecto interacional. Aqui, Bakhtin ou outro teórico que aborda o tema em observação não foi citado.

Tem-se, no estudo de Costa, algumas reflexões acerca do uso do dicionário pelo cronista (poeta) Carlos Drummond de Andrade, mostrando o dicionário como fonte da crônica, “*em urna tensão léxica*”. Segundo o articulista, “*o dicionário constitui pare ele (Drummond) obra de leitura paciente e melódica capaz de fornecer uma síntese histórico-cultural da comunidade, testemunha de uma determinada civilização*”.

Vale ressaltar que não estamos julgando a relevância do artigo, ou questionando seu valor, mostramos apenas a aparição de um termo distanciado das considerações teóricas que, se tratando de estudos sobre linguagem, geralmente o sustentam. Enfatizamos que o termo “*interação*”, empregado no título do tópico destacado, não é mencionado nas reflexões que o articulista desenvolve sobre a relação entre a crônica e o dicionário. Temos, portanto, o uso de interação em uma acepção genérica, distanciado de uma preocupação conceitual, sem um rigor teórico no sentido de buscar definições para o termo em observação.

No sexto artigo destacado para análise, “*A Interrupção*”, Souza e Silva mostra, por meio de análise de interação face a face de inqueritos 010 166 e D2 333 de São Paulo que compõem o *corpus* do “Projeto Gramática do

CLEUDEMAR ALVES FERNANDES

Português Falado”, que só se pode falar do caráter interacional da interrupção após o estabelecimento de fronteiras do enunciado oral a partir da dimensão de interlocução, compreendidas as alternâncias e os assaltos de turno.

Nesse texto, a articulista apresenta uma rápida análise da interrupção entendida como assalto de turno na interação nos inquéritos acima citados, mas não apresenta formulação teórica acerca de “interação”. A interação é observada em um contexto micro, trata-se da análise de um aspecto detectado e observado na interação face a face. Não é evidenciada a aceitação teórica do emprego do termo interação, e os estudos de Bakhtin acerca da interação verbal não são mencionados.

Ao desenvolver o estudo, Souza e Silva enumera seis “casos” de interrupção e exemplifica cada um deles com a transcrição de fragmentos dos inquéritos acima citados. Em seguida, realiza-se uma análise de cada uma das categorias anteriormente apresentadas e o caráter interacional da interrupção é mencionado somente na conclusão do artigo como uma questão deixada em aberto. Segundo Souza e Silva, até a realização de seu estudo, este aspecto foi pouco estudado e apresenta-se como merecedor de maiores preocupações nos estudos lingüísticos.

No artigo seguinte, o sétimo, “*A Dimensão interacional na construção do texto falado: os marcadores*”, Risso centra-se na questão da dimensão interacional na construção do texto falado. Seu estudo faz parte do Projeto “*Gramática do Português Falado*” e se ocupa da análise das formas comumente tidas como Marcadores Conversacionais. Sendo esse estudo dividido em cinco sub-tópicos, merece destaque especial o segundo, intitulado “*Princípios Teóricos*”, momento em que a articulista assume a *Ótica textual interativa* e concebe a linguagem como uma forma de ação comunicativa

CONCEITO DE INTERAÇÃO

ma de ação comunicativa exercida pelo menos entre dois protagonistas. Citando Bakhtin (1992), apresenta um correlato na noção de dialogicidade que está na “*orientação da palavra em função do interlocutor*”. Na verdade, a articulista realiza uma releitura do autor em destaque ao conceituar interação; apresenta, pois, nesse momento, os princípios norteadores de suas reflexões.

Dada a delimitação temática, Risso aborda a interação face a face como o ponto central para sua análise e situa, com muita propriedade, esta abordagem na teoria da interação verbal apresentada por Bakhtin (1992), obra em que o autor discorre sobre interação verbal social sem mencionar interação face a face. Arroladas as considerações teóricas que fundamentam a análise, a articulista inicia as reflexões acerca do estatuto interacional dos marcadores. Após algumas reflexões, destacando as ocorrências dos marcadores no inquérito NURC/D2/REC/05, conclui que a dimensão interacional “*tem, na modalidade funcional dos marcadores, um importante campo para investigação*”, merecedor de estudos mais acurados.

Conforme já afirmamos, Risso recorre a Bakhtin (1992) para a sustentação teórica de seu estudo, e o faz de forma abrangente; apreende com profundidade a conceituação de interação proposta por esse autor e utiliza-a em sua análise.

No próximo artigo a ser observado – “*A Paráfrase em situações de interação explícita*” –, Hilgert apresenta a paráfrase como um enunciado produzido em uma interação conversacional, ao que chamamos interação face a face, para corrigir um enunciado produzido anteriormente pelo interlocutor ou seja, a paráfrase é a repetição de um enunciado produzido pelo interlocutor com algumas modificações, em se tratando da forma, com o objetivo de corrigi-

CLEUDEMAR ALVES FERNANDES

lo.

A acepção com que o articulista emprega o termo interação não foi explicitada. Na verdade, o emprego desse termo se deu apenas no título do artigo. A análise desenvolvida por Hilgert consiste basicamente na apresentação de algumas exemplificações de paráfrases, entendidas como expusemos acima, em forma de fragmentos extraídos de textos orais que compõem o *corpus* do Projeto NURC, os quais constituíram o *corpus* para o estudo em análise. Os aspectos destacados no *corpus* ocorreram em interações face a face entre sujeitos socialmente organizados. Porém, acreditamos que alguns termos empregados em títulos de trabalhos científicos merecem, considerações mais explícitas, necessitam de reflexões teóricas que o cercam visando a possibilitar uma melhor fundamentação para a análise a ser desenvolvida. Nessa perspectiva, referindo-nos especificamente a esse artigo, o leitor pode desconhecer o que o articulista chama de interação explícita, expressão apresentada no título do trabalho. Ao que, aparentemente, opõe-se uma interação caracterizada como implícita.

No último artigo a ser observado, “*A Interação, o Nazismo e seus Mitos*”, Bolognini propõe firmar-se em uma concepção teórica de linguagem da Análise do Discurso de linha francesa para discutir o papel dos professores de língua estrangeira “*com o objetivo final de preparar os alunos para interagirem com sujeitos-falantes da língua-alvo*”.

Segundo a articulista, falar em proficiência é falar em proficiência lingüística, cultural, social e histórica em relação ao país-alvo. Quando o aluno inicia a aprendizagem de uma língua estrangeira, já há em seu interdiscurso evidências da interação entre o aluno e o idioma da nação

CONCEITO DE INTERAÇÃO

da língua-alvo. Nessa perspectiva, a articulista procura mostrar que a escola também pode criar mitos detectáveis nos processos da interação ocorridos durante a aprendizagem de um idioma uma vez “*que se trata de interação intracultural*”.

Ao desenvolver o estudo, Bolognini destaca a importância da interação intracultural para a aprendizagem da língua-alvo e exemplifica com sua experiência enquanto professora de Língua Alemã. Além da interação intracultural, a articulista menciona também a importância da interação entre alunos e entre alunos e professor para assegurar uma boa aprendizagem de língua estrangeira. Entretanto, o aspecto interacional é utilizado para propiciar outras reflexões que ocupam maiores espaços no artigo, entre as quais podemos destacar a questão dos *chistes* que a articulista apresenta como “*resultado de um relaxamento da censura feita pelo inconsciente (...) porque foi dito o que não deveria na verdade ter sido dito*”. Esta conceituação é apresentada segundo uma perspectiva de freudiana, quando a autora do artigo discorre sobre memória discursiva.

Bolognini não apresenta, em seu estudo, uma formulação teórica do termo interação. Essa autora desenvolve sua análise pela ótica da Análise do Discurso de linha francesa. Contudo, o alcance de nossa percepção permite-nos julgar o emprego de interação em conformidade com nossos pressupostos teóricos apesar de Bakhtin não constar na bibliografia desse estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura e análise dos artigos tomados como *corpus* evidenciaram três formas de tratamento dadas ao termo

CLEUDEMAR ALVES FERNANDES

interação. Tem-se uma acepção genérica, sem rigor teórico, sem preocupação conceitual; tem-se o emprego da teoria da interação verbal formulada por Bakhtin (1992) em propostas de estudos lingüísticos e até mesmo de ensino de língua; e, por último, tem-se a análise de aspectos lingüísticos na interação face a face, abordando contextos micro de interação.

Observamos que nos artigos em que os autores se firmam em Bakhtin, há, por vezes, seqüências de citações desse autor, sem, contudo, haver uma diluição do conceito de interação na proposta de estudo desenvolvida pelo articulista. Por outro lado, seguindo essa mesma linha de abordagem, encontramos textos, como o primeiro analisado, em que o articulista consegue atingir o nível de complexidade e de abrangência apresentado por Bakhtin em suas formulações teóricas, articulando-as com novas reflexões lingüísticas.

Ainda referindo-nos à presença de Bakhtin nesses estudos lingüísticos de cunho interacional, observamos que todos os autores recorrem à obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* na busca de subsídios teóricos para fundamentar as próprias reflexões e em nenhum dos estudos encontramos referência à obra *Écrits sur le Freudisme*. É nesta obra que se originaram os formulados teóricos de Bakhtin sobre interação. Em um primeiro momento, este autor iniciou suas considerações abordando o contexto micro da interação, ou seja, referiu-se à interação face a face. Posteriormente, ao desenvolver suas reflexões, ampliou-as, o que possibilitou a elaboração da teoria da interação verbal, hoje, bastante difundida entre lingüistas, bem como entre estudiosos de outras áreas do conhecimento.

Outro aspecto observado em alguns dos artigos que compõem o grupo em destaque, refere-se ao fato de os

CONCEITO DE INTERAÇÃO

autores enumerarem, paralelamente às citações de Bakhtin (1992), citações de Foucault (1970 e 1969), de Authier-Revuz (1982), de Pêcheux (1990) e de Maingueneau (1993), entre outros, sem estabelecer uma articulação entre as teorias citadas e a proposta do articulista. Os textos citados precisam ser absorvidos pelo discurso de quem os cita, tornando-se parte integrante desse novo discurso.

Um outro grupo que classificamos é composto pelos artigos que tratam interação de forma genérica e, às vezes, vaga, imprecisa. Quanto aos trabalhos que se enquadram nesse grupo, fizemos duas constatações. A primeira refere-se às situações em que o termo interação aparece somente no título do texto, sem que o articulista aborde-o no desenrolar do estudo. O título de um trabalho implica expectativas por parte do leitor, uma vez que deve reportar ao tema central do texto a ser lido; assim, alguns dos artigos examinados não correspondem à expectativa gerada pelo próprio título. A segunda constatação refere-se a alguns artigos que utilizam o termo interação como subsídio para a análise proposta de maneira adequada, contemplando até mesmo os postulados bakhtinianos sem, contudo, evidenciar uma concepção teórica para tal uso, sem apresentar preocupações no sentido de definir interação. Em alguns desses artigos, encontramos Bakhtin (1992) na Bibliografia, em outros esse autor não foi citado.

Em outro extremo, temos as análises centradas em aspectos lingüísticos apreendidos na interação face a face; são análises voltadas basicamente para os aspectos conversacionais. Na Análise da Conversação, os autores, geralmente, preocupam-se com a descrição das estruturas da conversação, de seus mecanismos organizadores e outros aspectos, destacando os processos cooperativos presentes na atividade conversacional.

CLEUDEMAR ALVES FERNANDES

Nessa última situação, alguns articulistas estabelecem uma relação entre interação face e face, apreendida em um contexto micro, com a interação em contexto macro, chegando até mesmo à conceituação bakhtiniana de interação, mas há também os que não apresentam formulações teóricas, destacam diretamente alguns aspectos lingüísticos apreendidos na interação face a face, tomados como o objeto para análise.

Diante desse quadro, reafirmamos que a interação se dá em uma relação dialógica, por meio da qual os sujeitos envolvidos se constituem como tal, para si e para o outro, diante de si e diante do outro. Isso posto, a interação face a face, observada em um contexto micro, é considerada como uma célula da interação social verbal, estabelecida ou constituída por uma seqüência dialógica.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Hétérogénéité montréalaise et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'outre dans le discours*". In: DRLAV. Paris: Centre de Recherches de Université de Paris III, 1982.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia de Linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. *Écrits sur le Freudisme*. Lausana, France: L'Age d'Home, 1980.

FOUCAULT, Michel. *L'Ordre du Discours*. Paris: Galil-mard, 1970.

FOUCAULT, Michel. *L'Archéologie du Savoir*. Paris: Gallimard, 1969.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em*

CONCEITO DE INTERAÇÃO

Análise do Discurso. Campinas: Pontes, 1993.
PÊCHEUX, Michel. *Análise Automática do Discurso*. In:
GADET, F. & HAK, T. *Por uma Análise Automática do
Discurso - uma introdução à obra de Michel Pêcheux*.
Campinas: EDUNICAMP, 1990.

Recebido: maio 2001
Revisado: agosto 2001
Aceito: dezembro 2001

Endereço para correspondência :
Cleudemar Alves Fernandes
Av. João Balbino, 1941, Ap 403, Bl. G,
B. Santa Mônica
38408-262 – Uberlândia, MG
cleudemar@ufu.br